

Organizadores

Ane Luise Silva Mecnas

Cristiano Ferronato

Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho Do Nascimento

Maria Nogueira Marques

Paulo Autran Leite Lima

# *Pesquisa Científica*

**E INOVAÇÃO:**

Desafios para o

**JOVEM PESQUISADOR**



EDUNIT

## PRODUÇÃO EDITORIAL

### Capa e Diagramação

Igor Bento

### Revisão

Juliano Beck

Todos direitos desta edição reservados à / Depósito legal à

### Editora Universitária Tiradentes - Edunit

Av. Murilo Dantas, 300

Farolândia - Aracaju/SE

Bloco F - Sala 11 - 1º andar

CEP 49032-490

Telefones (79) 3218 2185/2138

editora@unit.br

www.editoratiradentes.com.br



Editora Filiada à



Ficha catalográfica: Rosangela Soares de Jesus CRB/5 1701

P472 Pesquisa científica e inovação: desafios para o jovem pesquisador / organização [de] Ane Luise Silva Mecnas... [et al.]. – Aracaju : EDU NIT, 2015.

284p. : il. : 23cm

Inclui bibliografia.

ISBN - 978-85-68102-08-4

1. Pesquisa científica. 2. Produção-Difusão científica. 3. Iniciação científica. 4. Jovem pesquisador. 5. SEMPESq-UNIT. I. Ferronato, Cristiano. II. Nascimento, Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho. III. Marques, Maria Nogueira. IV. Lima, Paulo Autran Leite. V. Título

CDU: 378.068.001.5

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme Decreto nº 1.825, 20 de dezembro de 1907.

o uso da literatura em pesquisas não busca a verdade em enredos fictícios, e sim a visão do autor sobre aquele determinado cenário e tema. Esta prática pode ainda ser aprofundada com o uso de esquemas de desconstrução do texto e comparação de dados com outras fontes históricas.

As possibilidades estão postas!

## REFERÊNCIAS

COELHO, E. C. **As profissões imperiais**: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro (1822-1930). Rio de Janeiro: Record, 1999.

GALVÃO, A. M. O.; LOPES, E. M. T. **Território plural**: a pesquisa em história da Educação. São Paulo: Ática, 2010.

GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas, Sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GUIMARÃES, B. **Rosaura, a enjeitada**. v. 1. São Paulo: Saraiva, n/d.

GUIMARÃES, B. **Rosaura, a enjeitada**. v. 2. São Paulo: Saraiva, n/d.

NOGUEIRA, J. L. A. **A Academia de São Paulo**: Tradições e reminiscências. v. 3. São Paulo: Saraiva, 1977.

VAMPRÉ, S. **Memórias para a história da Academia de São Paulo**. v. 1. São Paulo: Instituto Nacional do Livro, 1977.



## *Os modos de educar de Oida Do Prado Dantas: entre mudanças educacionais e resistências*

Luzianne dos Santos  
Raylane Andreza Dias Navarro Barreto

## INTRODUÇÃO

*"Comecei cedo porque minha mãe era professora.  
Já comecei no infantil... Eu, minha mãe e outra  
professora."*

*Olda do Prado Dantas, 2012*

O presente artigo, que é fruto de pesquisa em andamento, atrelada ao Projeto de Pesquisa "Memória Oral da Educação Sergipana"<sup>1</sup>, coordenado pela professora Dra. Raylane Andreza Dias Navarro Barreto, tem por objeto de análise a história de vida da professora Olda do Prado Dantas. É a partir dos seus 100 anos de vida e 26 de docência, que procuramos contribuir para a historiografia da educação sergipana. Ao usar das lembranças, a autora da epígrafe acima nos permite revisitar tempos, lugares, pessoas e conjunturas sociais que compuseram o seu fazer-se professora. Na ação de desnudar tempos passados, por meio da memória e das representações, nossa personagem descortina, em depoimento, novas possibilidades da escrita/leitura da historiografia educacional sergipana. Isso porque sua narrativa, tomada neste trabalho como fio condutor de

1 A professora Olda do Prado Dantas, que tomamos aqui como objeto de estudo, compõe o acervo do projeto de Pesquisa "Memória Oral da Educação Sergipana", coordenado pela professora Dra. Raylane Andreza Dias Navarro Barreto. O projeto está dividido de acordo com os territórios sergipanos, perfazendo um total de oito subprojetos. O objetivo é compreender como se constituíram os modos de educar de educadores atuantes no território sergipano; para tanto, é necessário: mapear os educadores mais antigos e de maior representatividade na área educacional; identificar as práticas escolares, próprias do tempo e do espaço escolar; e analisar a cultura de escola que fora produzida nas instituições educativas do território sergipano. O propósito é possibilitar a produção de saberes e entendimentos acerca dos modos de educar e dos métodos de ensino, fomentando interações e trocas no âmbito da pesquisa e do conhecimento, envolvendo Instituições de Ensino, grupos de pesquisas, discentes e docentes e pesquisadores relacionados a áreas afins. Projeto financiado pelo CNPq, Edital MCTI/CNPq/MEC/CAPES. nº 18/2012. nº do processo 405366/2012-4. Bolsas de Iniciação científica CNPq e PROBIC/UNIT.

nossos estudos, permite que se revise um passado povoado de histórias de quem vivenciou muitas das mudanças educativas no Brasil. É na sua trajetória de vida escolar que se revelam instituições educativas, modos de educar e dispositivos legais próprios de tempos e espaços incorporados, cuja reflexão se faz pelo ser aluna e, depois, professora.

Ao mergulharmos na sua trajetória escolar surgiram inquietações, dentre elas: como nossa personagem organizou sua prática docente dentre tantas modificações no sistema educacional? O que ficou, dentre mudanças e resistências: uma escola tradicional ou uma nova educação sergipana? De que forma os princípios da Escola Nova foram materializados no cotidiano escolar? Por terem surgido dentro da sua trajetória escolar, nada mais justo que fossem respondidas através das experiências vivenciadas e construídas pelo próprio sujeito. É por meio da sua visão de mundo, ou como bem sugere Rogger Chartier (1990, p. 17), “[...] dos esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido”, que podemos compreender o tempo vivido. É por meio das lembranças-narradas que iniciamos nossa empreitada, ou seja, a compreensão de modos de educar, de saberes, métodos de ensino, cultura escolar, e práticas escolares vivenciadas em um tempo e espaço que só podem ser revisitados pela memória. Assim sendo, usamos da metodologia da História Oral, que, para além de lidar com narrativas de histórias de vida, valoriza a memória como fonte de conhecimento, uma vez que permite a apropriação de lembranças e esquecimentos de pessoas que vivenciam acontecimentos passados. Desse modo, como assegura Verena Alberti (2004, p. 35),

Por meio da memória do entrevistado pode-se trazer a tona a presença do passado, esse que será analisado conforme o concebido por quem viveu, a recuperação do vivido conforme a apropriação ou os significados atribuídos por quem o vivenciou.

A vivacidade dos fatos contados por quem testemunhou permite ao entrevistador auscultar pedaços do passado através do ouvir contar, representado por gestos e palavras e até sentimentos que há muito parecem não existir. Ao viajar entre as lembranças e esquecimentos, a aluna que se fez professora Olda do Prado Dantas abre a “caixa preta” das lembranças, para revelar os modos de educar da época em que viveu. Seja entre os anos de 1920 e 1930, quando discente, seja entre 1940, 1950, 1960, quando docente, enfim testemunhando acontecimentos, evocando pessoas e fatos que muito dizem sobre a história da educação e das práticas escolares território centro sul sergipano.

### **A ESCOLA ISOLADA “MON. SENHOR DALTON” E O APRENDIZADO DAS PRIMEIRAS LETRAS**

Ao relemburar, evocar e visitar o passado tão distante, Olda do Prado Dantas começa a narrar sua história de vida dizendo assim: “*eu nasci em Simão Dias, no dia 3 de março de 1912. Sou filha do farmacêutico Manoel da Fraga Dantas e da professora Gregoria do Prado Dantas*”. Em seu tempo de criança, costumava brincar de “*bonecas, de corda, de pula-pula*” com seus irmãos e amigos, em uma cidade “*pequena, onde todo mundo se conhece*”. Contudo, desde os 6 anos de idade a pequena Olda já tinha responsabilidades que iam para além do estudar: ser ajudante de professora. Ao mesmo tempo em que recebia da sua mãe Gregória os ensinamentos das primeiras letras, nossa entrevistada também era a monitora da sala de aula onde estudava, e ao ajudar sua mãe com as atividades da classe, “[...] *comecei cedo a lecionar, porque minha mãe era professora*”. É na Escola Isolada Monsenhor Dalton, na cidade de Simão Dias, que ela começa a estudar e a ensinar, tendo sua mãe como professora e mestra das primeiras palavras. Ela lembra com frescor que essa situação “[...] *não era fácil, mamãe era muito preparada, muito exigente*”.

Segundo a nossa entrevistada, a escola da professora Gregória funcionava pela manhã, com muitos alunos da cidade,

porque “[...] ela era uma professora conceituada”. A professora Gregória tornou suas filhas Olda e Carmem monitoras da classe devido à grande demanda existente na escola isolada em que ensinava. Como elas já “sabiam ler e escrever, poderiam ajudá-la”, o que era natural para a época. Dessa forma, a menina Olda passou a estudar a noite em casa, com seus irmãos, e pelo dia “[...] ajudava a mãe na escola. Eu e minha irmã ajudávamos a mamãe também porque era sozinha, tinha o primeiro, o segundo, o terceiro e o quarto anos”. A Escola Isolada Monsenhor Dalton

*Funcionava em casa, depois ela passou para o município. Ela foi dada como professora municipal. Mas escola continuava em casa mesmo, depois é que doutor Marcos foi nomeado prefeito, ele pegou, reuniu as escolas, porque era município, ele botou em um prédio só. Era Escola Reunida Augusto Maynard. Começou como particular, depois foi que doutor Marcos nomeou ela como professora municipal, e depois reuniu com as outras escolas... pra melhoria do ensino (DANTAS, 2012, grifo nosso).*

Foi por volta de 1919 que Olda começou a estudar. Em uma escola pequena e com todas as séries distribuídas em uma única sala de aula, estudavam aproximadamente 70 alunos, entre meninos e meninas. “Só não estudavam mais alunos porque o salão não comportava”. Esses traços que simbolizavam a típica Escola Isolada multisseriada, sem prédios próprios, onde havia uma coeducação porém, muito procurada e disputada. Afinal, “[...] muita gente queria porque lá tinha as carteiras, tinha quadro negro, tinha tudo, tudo que era preciso ela comprar, ela comprava, às custas dela mesma, né? Mais a escola era equipada de tudo, tudo ela tinha!” (DANTAS, 2012). A existência das Escolas Isoladas, nessa época, representava permanências/resistências ao novo ideário de educação brasileira<sup>2</sup> que, dentre condicionalidades, primavam por um Ensino Primário desenvolvido em Grupos Escolares. Os Grupos Escolares, segundo o conceito de Mar-

2 Decreto de nº 563 de 12 de agosto de 1911, o qual primava a modalidade de Ensino Primário em Grupos Escolares.

cus Levy Bencostta (2005, p. 70-71), são entendidos como “[...] a reunião de várias escolas primárias de uma determinada área em um único prédio”. Além de várias salas de aula em um único prédio, os Grupos Escolares contavam com a presença dos pátios para recreio, a existência de bibliotecas, como também o uso de novos materiais e mobiliário escolar, como carteiras, quadro de giz, cadernos, livros, dentre outros.

Foi em meio às idas e vindas como ajudante na sala de aula da professora Gregória, que a nossa personagem despertou o gosto pelo ser professora. No esforço de formular uma ideia acerca dessas práticas desenvolvidas por volta da década de 1930, a voz da personagem muito nos diz quando fala da sua primeira professora Gregória: “era uma professora e tanto, tanto que ela era muito conceituada”. Os modos de educar da professora Gregória derivavam de uma instituição educativa religiosa, pois “[...] estudou no Colégio Americano<sup>3</sup>. Também o colégio era exigente, né? Então ela ensinava com eficiência”. Assim as práticas vivenciadas também foram desenvolvidas na Escola Isolada Monsenhor Dalton, a qual passou a fazer parte das Escolas Reunidas Augusto Maynard. A escola era “equipada de tudo”. A professora Gregória dispunha de vários materiais para auxiliar no processo de leitura e escrita. Para ensinar a ler e soletrar, por exemplo, nossa personagem lembra com frescor o tempo de aluna.

*[...] era com brincadeiras, contando histórias, né? Relatava histórias do descobrimento do Brasil, como foi feito, quem fez, mostrando as gravuras também. Também tem os hinos, também apropriados, quer dizer que os meninos ficavam conhecedores de tudo... Eu me lembro que tinha as letras... Por exemplo, mostrava uma bola: ‘vamos fazer essa palavra? Então bota: b-o-l-a’. Então mostrava a gravura e mostrava também a maneira de escrever; depois também eles aprendiam também a escrever as palavras ‘bola’, e assim ia enriquecendo a cada dia né, com cada ensino que fazia.*

Para ensinar a escrever, ainda como aluna, Olda acrescenta:

*Um pedras. Antigamente tinha um pedras,*

3 Colégio religioso, localizado na cidade de Aracaju, em 1886.

*cada um tinha, quando não tinha lápis, tinha as pedrinhas também, escreviam ali. Mamãe botava no quadro, eles, agora, iam copiando o que era preciso. Ela dando explicação de cada coisa que ela lecionava, né? [...] A gente pegava na mãozinha, às vezes tinha que auxiliar. Bem aquele 'ABC', aquele ninguém suportava, né? [risos] Porque naquele tempo andava todo mundo com o livrinho na mão, 'ABC' a vida toda né? Então mamãe ensinava diferente, não tinha negócio de ficar com 'ABC' não, explicava as letras como eram, depois as palavras, mostrava as gravuras também, e o menino ia metendo o ditado na cabeça.*

Ao terminar o Curso Primário, por volta de 1925, na escola que era sua própria casa, a Escola Isolada Monsenhor Dalton, não havia na cidade onde prosseguir os estudos, pois as escolas existentes no município naquela época eram apenas os grupos escolares — mais precisamente aqueles que compõem a Escola Reunida Augusto Maynard. Assim, a menina Olda vai para o Estado da Bahia, estudar no Colégio Americano Cassius Bixiler, no município de Ponte Nova.

### **MODOS DE EDUCAR DO COLÉGIO AMERICANO DO DR. CASSIUS BIXILER E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DA PROFESSORA OLDA DO PRADO DANTAS**

Foi em um colégio interno, religioso, grande e muito “exigente” que nossa personagem iniciou o seu curso normal. Nas entrelinhas da sua narrativa de vida Olda apresenta o colégio que estudou como “Colégio Americano Cassius Bixiler”. No entanto, a pesquisadora Nascimento (2007), em seu livro *Educar, curar, salvar: uma ilha de civilização no Brasil tropical*, revela que o chamado Colégio Americano é o Instituto Ponte Nova, fundado em 12 de janeiro de 1906:

O Instituto Ponte Nova é a primeira instituição de ensino da Missão Central do Brasil a ser instalada numa área rural. [...] A escola se propunha a legitimar novas concepções no campo da educação, articuladas a estratégias religiosas de intervenção na área sob sua jurisdição, introduzindo mudanças no comportamento dos que seriam seus alunos. A educação oferecida pela escola seria um instrumento capaz de unificar, disciplinar, moralizar e homogeneizar os alunos que para ali acorressem, com vista a efetivação de um projeto de sociedade (NASCIMENTO, 2007, p. 166).

Nessa nova etapa de escolarização, era “tudo diferente”, como, por exemplo, a presença de mais de um professor. No Colégio Americano, grande parte dos professores vinham dos Estados Unidos, como Misses Hariss e Anita Hariss, professoras de Inglês. Como lembra nossa personagem, a “[...] escola era muito bem equipada, tinha tudo. Traziam tudo dos Estados Unidos, muita coisa veio de lá”. No Colégio Cassius Bixiler, ensinavam-se “todas as matérias: Geografia, História, Português e Matemática”. E para além das disciplinas que já tinham sido estudadas por nossa personagem no Primário, o Colégio Americano exigia que o aluno aprendesse o idioma inglês. E não somente aprender, “tinha que saber falar fluentemente”, afinal, todos os professores vieram dos Estados Unidos. No cotidiano da escola, seu horário era assim distribuído: pela manhã, a menina Olda estudava, e à tarde, trabalhava nos serviços domésticos do internato. E acrescenta a entrevistada:

*[...] preparávamos a comida, tudo era feito por a gente, as meninas. Os meninos eram na lavoura, os meninos eram plantando, cuidavam de alface, da horta. Os rapazes trabalhavam na horta e a gente era na cozinha. O serviço todo era feito por a gente (DANTAS, 2012).*

Em um internato onde rapazes e moças trabalham, as normatizações também eram vigentes; contudo, nesse ambiente de rigidez, os castigos físicos não eram permitidos para a correção do comportamento do aluno. Parafraseando Nascimento (2007),

a professora recebia a determinação de que, ao invés de castigar, devia desenvolver boas tendências, e não reprimir as más (NASCIMENTO, 2007, p. 172). As desobediências deveriam ser combatidas através da atração de interesses, pois o aluno que ferisse os princípios do internato, a punição ocorria na forma de não participar das atividades de diversões que ocorriam aos sábados, as quais são lembradas por nossa personagem:

[...] todo sábado tinha uma brincadeira, juntavam os alunos e as alunas, né? Eles tinham muita brincadeira que ensinavam à gente também. A gente, quando brincava, ela fazia um lanche, oferecia à gente. Era distraído, todo sábado a gente brincava lá no salãozinho de festa (DANTAS, 2012).

As atividades desenvolvidas no sábado proporcionavam o encontro de todos os alunos do Instituto Ponte Nova. Momento de descontração, mas também de aprendizado. O namoro não era permitido dentro da instituição, pois "*eles combatiam muito o namoro*". Sobre isso, Olda rememora que "[...] *a diretora ia com a gente, na frente. Depois o diretor vinha com os rapazes atrás, lá pra Igreja. Na volta, a mesma coisa, cada um voltava com o seu diretor*". Mesmo proibidos, ainda existiam no colégio alguns casos de namoro; no entanto, quando descobertos, os envolvidos, no caso dos alunos internos, como nossa personagem, eram submetidos a escrever para os pais contando o acontecido. Se os alunos fossem internos, passavam para condição de aluno externo, ou até mesmo eram expulsos do colégio.

### **"DA MANEIRA QUE FUI EDUCADA, ENSINEI": O SER PROFESSORA DE OLDA DO PRADO DANTAS**

Depois de concluir o Curso Normal em uma "*escola grande*" onde "*tudo era diferente*", Olda retornou à sua cidade de origem, no ano de 1934, onde foi nomeada professora das Escolas Reunidas Augusto Maynard. Por volta de 1938, lecionou no Grupo Escolar Fausto Cardoso e no Ginásio Industrial Dr. Carvalho

Neto. Os métodos de ensinar da então professora derivam do aprendizado que teve quando criança com a professora primária, os quais revelam similitudes com os métodos de ensino do Colégio Americano. É como ela apresenta em sua narrativa: "[...] *aprendi com ela, né? Ainda fui pra um Colégio Americano, onde ela aprendeu, aí também continuei aprendendo do mesmo jeito*" (DANTAS, 2012). Para compor os modos de educar da professora Olda do Prado Dantas, faz-se necessário levar em consideração a cultura e as práticas escolares que foram experienciadas e incorporadas por nossa personagem quando aluna da Escola Isolada Monsenhor Dalton (1919) e do Colégio Americano (1925). Assim sendo, levar em consideração o lugar onde nossa personagem se compôs aluna e professora é descortinar uma prática de ensino de um tempo/espaço distante, afinal

As instituições educativas, como pessoas, são portadoras de uma memória e de memórias. Essas memórias-representações, frequentemente assentes na transmissão oral, revelam-se fixistas, cíclicas, fruto de olhares particulares e consubstanciam-se em relatos dispersos, memórias factuais e justificativas de destinos de vida, marcados não raro por arbítrios e exageros de vária ordem. (MAGALHÃES, 2004, p.27)

De fato, para entender essas instituições educativas como portadoras de memórias, faz-se necessário também compreendê-las como locais propícios para a produção de uma cultura escolar específica, definida aqui por Dominique Juliá (2001, p. 9) como "[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permite a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos". Os fragmentos da oralidade muito dizem dessa cultura, bem como da incorporação de comportamentos aprendidos nas instituições onde passou parte da vida, uma vez que a cultura escolar contempla sujeitos e normas, os quais são submetidos ao cumprimento de regras que mantêm os princípios definidos pela instituição onde estão inseridos. Hábitos e comportamentos se desenvolvem nesses espaços como fruto



das práticas escolares que são desenvolvidas. Estas são entendidas, à luz do conceito de Faria Filho e Vidal (2004),

[...] como produtoras de sujeitos e de seus respectivos lugares no interior do campo pedagógico. De fato, tais práticas produzidas pelos sujeitos no seu dia-a-dia escolar, também os produzem. Essas práticas têm sido concebidas por muitos pesquisadores (Carvalho, 1998; Faria Filho, 2000; Vago, 1999; Paulilo, 2002) como maneiras de fazer peculiar dos sujeitos da escola e que ocorrem no interior do cotidiano escolar. Mas esse lugar ocupado por eles não tem sido entendido enquanto um lugar próprio e, sim, como um lugar onde desenvolvem táticas, isto é, ações calculadas que são determinadas pela ausência de um próprio, como convém a Certeau (2000, p. 100), que tem sido citado por muitos desses estudiosos das práticas escolares.

Desse modo, da maneira como a professora Gregória ensinava, bem como os professores do Curso Normal, utilizando-se do quadro negro para apresentar letras e figuras, Olda também ensinou aos seus alunos, como assim destacou:

*Pelo quadro negro, muita coisa explicava pelo quadro negro. Tinha que ser tudo. Por exemplo, se visse Geografia, tinha que ensinar o que é uma ilha, aí mostrava, né, o que é uma ilha. Sim, sim, explicando assim, o que é um rio, mostrava gravura de um rio, pra eles terem uma ideia do que estava dizendo, né? E as histórias do Brasil, contava muita história, como o descobrimento de Cabral, como Cabral descobriu o Brasil (DANTAS, 2012).*

Os modos de educar da professora Olda são semelhantes àqueles por meio dos quais foi educada por sua professora primária — como revelam os versos da epígrafe acima: “fui professora por causa do exemplo de minha mãe” —, bem como os dos professores do Curso Normal no Instituto Ponte Nova (BA): “da maneira que eu fui educada, ensinava lá”. Tais práticas educativas,

de fato, derivam de uma cultura escolar própria de um tempo e espaço. Esse conjunto de práticas possibilitou tanto a transmissão de conhecimentos como a incorporação de tais comportamentos que foram desenvolvidos por Olda em seu tempo de professora, como, por exemplo, a maneira utilizada pela entrevistada para ensinar seus alunos do curso primário a escrever: “[...] *desenhando a letra no quadro, mostrando como era que fazia. Eles iam imitando. Quando não, eu pegava na mãozinha também e ajeitava ali, até eles fazerem bem aquela letrinha*”.

Os métodos de ensino da professora Olda revelam similitudes com os que aprenderam nas instituições que estudou; contudo, estão para além da formação no Curso Normal, pois, além das tradicionais aulas de Português e Matemática, Olda também lecionava Educação Física e Canto Orfeônico para seus alunos. Ela rememora:

*Esse aí foi extra. Coisa extra. São os hinos, né? E agora a Educação Física, de acordo com o ano, a idade do aluno, havia aqueles exercícios apropriados, o cântico. [...] Em Aracaju, veio uma equipe de professores de São Paulo, veio dar esse curso aí em Aracaju. Aí eu fui pra lá. Fiz parte desse grupo. Fiz o curso lá (DANTAS, 2012).*

Os cursos extras apresentaram um diferencial na prática docente de nossa entrevistada, pois, mesmo na educação diferenciada das antigas escolas isoladas no Curso Normal, o ensino estava voltado apenas para formar o professor. Calcado nos princípios das reformas educacionais, a exemplo daquela advinda do movimento escolanovista no Brasil, primavam pela introdução de novos métodos e novos saberes, cuja pedra de toque, para tais mudanças, seria o professor. Nessa perspectiva, Filho (2010) apresenta que o professor, então, seria o principal responsável pelo sucesso da nova escola que se avizinhava. Assim, a partir do momento em que são inseridas as aulas de Música e Educação Física, percebemos que o ideário escolanovista vinha sendo implantado, o que contribuiu para a construção de uma nova educação sergipana. Porém, entre reformas, mudanças e transformações, permeavam também resistências. Como

lembra Olda, “*nós íamos pra missa dia de domingo com nosso diretor. Todo domingo nós tínhamos que ir pra igreja evangélica por causa da missão*”. Para além da religião, estava presente em sala de aula o método decorativo: simbolizavam traços de uma educação que não condizia com os métodos de ensino propostos pelo governo.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscarmos compreender os modos de educar de nossa personagem, pelos saberes, pelos métodos de ensino, pela cultura escolar, pelas práticas escolares, enfim, pelas experiências vividas na sua trajetória escolar, percebemos que foi entre mudanças educativas e resistências que Olda do Prado Dantas compôs sua prática docente. Seu modo de educar revela mudanças escolares na cidade de Simão Dias — afinal, o surgimento de Grupos Escolares, a adesão de novas disciplinas, o uso de mapas, gravuras, globos, bem como a existência de bibliotecas, dentre outros fatores, caracterizavam a nova escola proposta pelo governo. Porém, sua narrativa de trajetória de vida nos permitiu observar que, em meio às inovações do sistema educacional, ainda existia, na época e no espaço estudado, traços de uma resistência ao novo modelo de educação, seja ela na estrutura física das escolas, seja na presença da religião e do método decorativo. Assim, em meio a mudanças e resistências, Olda do Prado Dantas moldou seu modo de educar, contribuindo para a construção de uma cultura escolar e de práticas escolares específicas de uma cidade. Dessa forma, ao longo dos seus 100 anos de vida e 26 de docência, ela nos revela, em depoimento, instituições educativas e práticas escolares que caracterizam uma parte da história da educação do território centro sul sergipano, que desta vez é vista de baixo!

### REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BENCOSTTA, M. L. A. Grupos Escolares no Brasil: um novo modelo de escola primária. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**: Vol. III - Século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 68-76.

CHARTIER, R. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1990.

FARIA FILHO, L. M. de et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Revista Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

FARIA FILHO, L. M. de. **As retóricas das reformas**. In: Reformas educacionais no Brasil: democratização qualidade da escola pública. Belo Horizonte: Mazza, 2010.

JULIÁ, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-44, 2001.

MAGALHÃES, J. P. de. **Tecendo nexos**: história das instituições educativas. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

NASCIMENTO, E. F. V. Boas Carvalho do. **Educar, curar, salvar**: uma ilha de civilização no Brasil tropical. Maceió: EDUFAL, 2007.

***FONTE ORAL***

DANTAS, O. P. **Relato oral sobre sua história de vida.** Simão Dias, 20 de setembro de 2012.